

Complementos de eco de adjetivos com completiva-sujeito em português do Brasil

Ryan Saldanha Martinez¹, Jorge Baptista², Oto Vale¹

¹Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil

²Universidade do Algarve, Portugal / INESC-ID Lisboa, Portugal

{ryan.saldanha.martinez@gmail.com, jbaptis@ualg.pt, otovale@ufscar.br}

Abstract. *This article discusses adjective complements that are coreferential with arguments of their subject clauses in Brazilian Portuguese. We propose that these complements are more economically conceived as increments, which we refer to as “echo complements”. We identify and syntactically describe three types of echo complements: da parte de N^0 (of N^0), para com N^1 (with N^1), and para N^0 (for N^0).*

Resumo. *Este artigo discute complementos de adjetivo correferentes a argumentos de sua completiva-sujeito em PB. Propomos que esses complementos podem ser mais economicamente caracterizados como incrementos, denominando-os “complementos de eco”. Identificamos e descrevemos as propriedades sintáticas de três tipos de complementos de eco: da parte de N^0 , para com N^1 e para N^0 .*

1. Introdução

Este artigo tem como objeto a análise sintática de um tipo complemento de adjetivo correferente a um item previamente mencionado ou pressuposto na completiva-sujeito desse adjetivo, como em (1)¹.

- (1) a. *Que o João tenha feito isso é honroso*
 b. *Que o João_i tenha feito isso é honroso da parte dele_i*

Adjetivos como *honroso* apresentam uma construção com completiva-sujeito (1a) e podem ter acrescido um complemento do tipo *da parte de N* (1b), sendo *N* correferente ao sujeito da completiva-sujeito. Complementos que apresentam essas propriedades de correferência são conhecidos como *complementos de eco* [Guillet and Leclère 1981, pp. 116–117], [Vivès 1982], [Baptista 2005, pp. 157–162], [Baptista and Mamede 2013].

Neste artigo, propomo-nos a descrever a sintaxe dos diferentes tipos de complementos de eco de adjetivos que se constroem com completiva-sujeito. Essa descrição se inscreve no quadro da construção de uma *gramática mínima* (do ing. *least grammar*, [Harris 1991, p. 4]), isto é, uma gramática que reduza ao mínimo as redundâncias na

¹Nos exemplos, os índices *i* indicam uma relação de correferência entre duas palavras; utiliza-se, adicionalmente, *j* quando dois índices são necessários.

descrição de uma dada língua, sendo, contudo, capaz de gerar todas as suas frases gramaticais.

Nessa teoria, a ideia de uma transformação incremental que adiciona redundância linguística a uma frase remonta a [Harris 1970, p. 501] e [Harris 1982, pp. 14–15]. Harris a caracteriza como o *inverso* de uma operação de redução por redundância, como as que ocorrem entre elementos unidos por conjunção que se repetem, tal como “o João” e “fez” na frase *O João fez isso e o João fez aquilo*, reduzidos a zero em *O João fez isso e aquilo*.

Assim, diante de alternâncias como (1), optar-se-á por uma entre duas possibilidades teóricas: (i) tomar (1a) como forma de base e caracterizar (1b) como resultado de uma transformação incremental, visão adotada neste artigo; ou (ii) tomar (1b) como forma de base e caracterizar (1a) como resultado de uma redução do elemento redundante, solução adotada, entre outros, em [Casteleiro 1981, Ranchhod 1985].

Conceber formas do tipo (1b) como incrementos a formas do tipo (1a) provê uma maneira econômica de se formalizar tais alternâncias. Os complementos de eco não carregam informação nova; apenas reiteram parte da informação que consta na forma da base, nomeadamente o sujeito ou complemento do predicado que ocupa a posição de sujeito. Ora, se considerarmos que as frases de base devem conter toda a informação da língua, um elemento opcional dentro da frase e que não altera seu significado pode ser mais adequadamente descrito como decorrente de uma transformação. A inserção de elementos redundantes deverá, pois, servir outros objetivos comunicativos-expressivos, que não a mera expressão da informação presente na forma da base. É o que sucede, por exemplo, com a topicalização ou a extração *ser...que* (clivagem), que correspondem a formas de tornar mais saliente um elemento da construção de base, ou mesmo a construção passiva, que degrada a saliência do agente e torna mais proeminente o objeto ou o paciente desse predicado.

As frases com o complemento de eco são efetivamente mais complexas do que a forma sem esse complemento, a despeito de carregarem a mesma informação. Quando a completiva-sujeito antecede o verbo copulativo, o complemento de eco deve, necessariamente, ser pronominalizado, como se vê pela aceitabilidade de (2a) e inaceitabilidade de (2b).

- (2) a. *Que o João_i faça isso é incomum (da parte dele_i + de sua_i parte)*
 b. * *Que o João_i faça isso é incomum da parte do João_i*

Quando a completiva-sujeito se encontra deslocada para o final da frase (*permuta de comprimento*, [Harris 1976]), o elemento reduzido a pronome deve ser um dos argumentos dessa oração subordinada, o que se exemplifica com (3a). A frase sem pronominalização, (3b), é inaceitável:

- (3) a. *É incomum da parte do João_i que ele_i faça isso*
 b. * *É incomum da parte do João_i que o João_i faça isso*

Para completivas-sujeito reduzidas de infinitivo (4a)-(4c), há ainda a possibilidade de redução a zero do sujeito da completiva, o que leva a formas como (4c).

- (4) a. *Que o João_i faça isso é interessante para ele_i*
 b. *= O João_i fazer isso é interessante para ele_i*
 c. *= Fazer isso_i é interessante para o João_i*

Assim, as frases de base dessas construções, como (1a), são representadas pela notação $(Que\ N^0\ V\ ((Prep)\ N^1))_0\ V_{cop}\ Adj\ (W)$, em que: N^0 representa o sujeito da completiva; V representa seu verbo principal; os elementos opcionais $Prep\ N^1$ representam o complemento da completiva; V_{cop} corresponde ao verbo copulativo; Adj se refere a um adjetivo predicativo; e W se refere a um complemento opcional do adjetivo. Tal sequência serve como forma de base das construções sobre as quais operam as inserções discutidas neste artigo.

As frases construídas que utilizamos como exemplo ao longo deste texto são baseadas em dados da partição brasileira do corpus PtTenTen20, acessado pela plataforma SketchEngine². Trata-se de um corpus de textos escritos de gêneros diversos extraídos da web no ano de 2020. A partição brasileira contém 8.010.603.604 *tokens*.

As seções seguintes deste artigo apresentam os três tipos de complemento de eco que analisamos como inserções nessa frase de base, respectivamente: *da parte de* N^0 (Seção 2), *para com* N^1 (Seção 3) e *para* N^0 (Seção 4). O artigo se conclui (Seção 5) com uma síntese das observações realizadas.

2. *Que* $N^0\ V\ W\ V_{cop}\ Adj$ *da parte de* N^0

A primeira transformação aqui abordada consiste na equivalência entre uma frase com completiva-sujeito e a estrutura (A) *Que* $N^0\ V\ W\ V_{cop}\ Adj$ *da parte de* N^0 , como exemplificado em (5a-5b), em que o sujeito da completiva-sujeito é correferente ao nome introduzido por *da parte de* (5c). Por essa razão, esse nome é normalmente pronominalizado ou o sintagma preposicional *de* N^0 é reduzido a um pronome possessivo (notado D_{poss}).

- (5) a. *Que o João faça isso é cruel*
 b. *Que o João_i faça isso é cruel (da parte de _ele_i + da sua_i parte)*
 c. **Que o João_i faça isso é cruel (da parte de _ela_j + da tua_k parte)*

Há uma variante menos frequente³, *por parte de*, à qual também se aplica a discussão a seguir:

²<https://www.sketchengine.eu/>, último acesso em 06/10/2024

³Na partição brasileira do corpus PtTenTen2020 [Wagner Filho et al. 2018], observa-se 281 ocorrências da sequência *ser* (*Adv*) *Adj* *por parte de*, contra 1.390 da sequência *ser* (*Adv*) *Adj* (*da+de*) (D_{poss}) *parte*. As primeiras incluem frases como a seguinte (ênfase nosso): *Em uma guerra onde um continente está sendo dominado por uma nação armada, é pouco inteligente por parte de qualquer um manter suas economias e riquezas em qualquer banco que seja de um país pertencente a este continente*.

- (6) *Que o João_i faça isso é cruel por parte de _ele_i*

As ocorrências de (A) podem ser analisadas como derivadas transformacionalmente da frase de base com completiva-sujeito, consistindo na inserção de complemento de adjetivo *da parte de N⁰*, em que *N⁰* retoma o sujeito da oração completiva. Ao tentar inserir argumentos não correferentes, obtemos ora expressões inaceitáveis, como em (5c), ora construções de baixa aceitabilidade e em que o argumento introduzido por *da parte de* é interpretado como tendo alguma forma de controle sobre o sujeito da completiva, fato já notado por [Picabia 1978, p. 102]:

- (7) ? *Que a empresa faça isso é cruel da parte do João*

Aceitando-se a frase (7), é necessário interpretá-la como sendo *João* o responsável pelas ações da *empresa*, numa relação de *anáfora indireta (metonímia)*. Trata-se, também assim, de um complemento de eco, ao mesmo título que os casos de *anáfora direta* (*João_i = ele_i*) que vimos anteriormente.

Para a inserção desse complemento de eco na frase, é necessário que o argumento duplicado seja um **agente** na completiva-sujeito⁴. Assim, o complemento de eco é aceitável, por exemplo, na combinação *usar/bizarro*:

- (8) a. *Que o João use essa roupa é bizarro*
 b. *Que o João_i use essa roupa é bizarro da parte dele_i*

Observamos frases de baixa aceitabilidade ao tentar inseri-lo quando a completiva-sujeito traz um verbo como *caber*, que pede um sujeito **não agentivo**:

- (9) a. *Que o João caiba nessa roupa é bizarro*
 b. **Que o João_i caiba nessa roupa é bizarro da parte dele_i*

3. *Que N⁰ V (Prep) N¹ V_{cop} Adj para com N¹*

Nesta seção tratamos das frases com completiva-sujeito (10a) que podem receber o complemento de eco *para com N¹* (10b).

- (10) a. *Que o João tenha dito isso à Maria é justo*
 b. *Que o João tenha dito isso à Maria_i é justo para com ela_i*

⁴Conceitos semânticos, nomeadamente, os papéis semânticos, são representados em **negrito**. Para determinar verbos com sujeito **não agentivo** e assim construir estes exemplos, recorremos ao *Dicionário Gramatical de Verbos do Português* [Baptista and Mamede 2020].

Em [Baptista 2005, pp. 153–154], considera-se que, no português europeu, *para* e *com* são variações da locução preposicional *para com*, o que também é aplicável ao português do Brasil. No entanto, em nossos testes, optamos por utilizar apenas a locução *para com* para evitar as ambiguidades que as outras duas formas isoladas podem gerar: *para* também pode ser interpretado como equivalente a *na opinião de*, além de introduzir outro tipo de complemento de eco (ver seção 4); enquanto *com* pode assumir um sentido **causativo** com certos adjetivos.

A discussão da bibliografia em torno do assunto sugere que há mais de uma origem possível para a ocorrência desses complementos. Considera-se em [Ranchhod 1985] que *para com N* são complementos essenciais. [Baptista 2005, pp. 152–153] considera que alguns predicados nominais selecionam dois argumentos e têm uma interpretação *elíptica* quando as sequências *para com N* são omitidas (exemplos (11a)-(11b) do português europeu retirados de [Baptista 2005, p. 152]).

- (11) a. *Que o Zé faça isso é de uma grande amabilidade (para com a Ana)*
 b. *Que o Zé faça isso é de uma grande crueldade (para com a Ana)*

Nesses casos, tratar-se-iam de complementos dos nomes predicativos, ora com um papel semântico de **beneficiário** (11a), ora com um papel de **vítima** (11b), consoante polaridade, positiva ou negativa, respetivamente, desse predicado.

Na ausência destes complementos, os predicados expressos por estes nomes predicativos implicam sempre um **beneficiário/vítima**, o que pode ser expresso por um indefinido *para com alguém*. Por outro lado, na presença desses complementos, verifica-se, ainda, a correferência obrigatória (e a correspondente redundância) com um complemento da completiva, o que torna inaceitável expressões como (12) em que *N* não é referente ao complemento da completiva.

- (12) *Que o Zé faça isso à Ana_i é de uma grande amabilidade/crueldade para com ela_i/*o Rui*

Em outros casos, não se poderia dizer que *para com N* funciona como complemento do nome predicativo. Tal sucede no exemplo (13) com o nome *arbitrariedade*, caso que [Baptista 2005, pp. 157–162] considerou como complemento de eco (exemplo retirado deste autor):

- (13) *Que o Zé tenha proibido isso à Ana_i foi de uma enorme arbitrariedade para com ela_i/*o Rui*

Efetivamente, o nome predicativo *arbitrariedade* não seleciona um complemento, neste caso, de **vítima**, pois pode tomar para a sua completiva-sujeito outros predicados que não envolvam um complemento correferente ao nome do complemento de eco (14).

- (14) *Que o Zé tenha decidido isso (*à Ana_i) foi de uma enorme arbitrariedade
(para com ela_i/*o Rui)*

Nesse caso, a ausência do complemento de eco não acarreta o valor elíptico que víamos em (11a)-(11b). A presença do complemento de eco, por seu turno, implica que o facto de *o Zé ter decidido isso* tenha tido algum efeito sobre o *N* do complemento de eco, mesmo que este elemento não esteja presente na completiva-sujeito (ver atrás, anáfora indireta). Assim, o complemento *para com N* deixa-se analisar em (11a)-(11b) e (12) ora como complemento dos nomes *amabilidade* e *crueldade*, ora como complemento do verbo *fazer*, ao passo que em (14) deverá ser considerado um complemento de eco, retomando, mesmo que indiretamente, o conteúdo da completiva.

Já [Vivès 1982], apresenta propostas de derivação das formas com sujeito humano a partir de uma frase de base (15a) por meio de reestruturação (15b) e posterior redução do nome *attitude* ‘atitude’, considerado como apropriado ao adjetivo *ferme* ‘firme’ (15c) (exemplos retirados de [Vivès 1982, p. 229]):

- (15) a. *L ’attitude de Lea avec Max est ferme*
 ‘A atitude da Lea para com o Max é firme’
 b. *Lea est ferme dans son attitude avec Max*
 ‘A Lea é firme em sua atitude para com o Max’
 c. *Lea est ferme avec Max*
 ‘A Lea é firme para com o Max’

[Baptista 2005, pp. 158–159] levantou uma crítica a essa proposta: quando um nome predicativo se reduz, seus complementos também se reduzem, conforme demonstra a inaceitabilidade de (16c) (exemplos de [Baptista 2005, pp. 158–159]).

- (16) a. *Os comentários do Zé à política do Governo foram de uma enorme prudência*
 b. *O Zé foi de uma enorme prudência nos seus comentários à política do governo*
 c. ** O Zé foi de uma enorme prudência à política do Governo*

Tal leva a considerar que o complemento *avec N* em (15c) não pode ser um complemento de *attitude* ‘atitude’ (ou de qualquer outro nome apropriado reduzido).

Foi proposta uma análise similar [Meydan 1995, pp. 174–176] partindo de uma frase com oração subjetiva, que consiste na seguinte sequência de transformações:

- (17) a. *Que Luc se comporte ainsi avec Léa est méprisant de sa part*
 ‘Que o Luc se comporte assim para com a Léa é desprezível de sua parte’
 b. *Luc est méprisant de se comporter ainsi avec Léa*
 ‘O Luc é desprezível em se comportar assim para com a Léa’

- c. *Luc est méprisant avec Léa*
 ‘O Luc é desprezível para com a Léa’

Assim, tanto [Vivès 1982] quanto [Meydan 1995] preocupam-se em explicar a presença dos complementos *avec N* (*para com N*) em frases com sujeito humano. Não se encontrou proposta de análise da inserção dos complementos *para com N* em frases com completiva-sujeito de adjetivo. Baseando-se na proposta de tratar como complemento de eco alguns complementos de nome predicativo com completiva-sujeito [Baptista 2005], estendemos essa explicação também aos adjetivos.

É possível que a correferência entre o complemento da completiva e o complemento de eco não esteja explícita, como sucede em (18a). Porém, é necessário que de alguma maneira o complemento *para com N* esteja implicado naquilo que a completiva-sujeito descreve; esse complemento corresponde a um *dativo alargado*, isto é, um complemento circunstancial que relaciona um predicado a alguém que sofre suas consequências, como se observa em (18b) [Ranchhod 1985], [Baptista 2005, p. 156].

- (18) a. *Que o João abra a porta é justo para com o Pedro.*
 b. *Que o João abra a porta (para + a) o Pedro_i é justo para com ele_i*

4. *Que N⁰ V W V_{cop} Adj para N⁰*

Na seção anterior, observamos que *para* pode introduzir um complemento de eco correferente ao complemento da completiva-sujeito, em alternância com *com* e *para com*. Há ainda um outro complemento de eco, também introduzido por *para*, mas que retoma o sujeito da completiva e *não* admite a variação *para com/para/com*.

- (19) a. *Que o João faça isso é comum*
 b. *Que o João_i faça isso é comum para ele_i*

Ora, uma frase superficialmente idêntica a (19b) mas sem correferência entre o sujeito da completiva e o complemento *para N*, como ilustrada abaixo em (20a), é aceitável. No entanto, em tal frase o complemento *para N* não tem o mesmo sentido que verifica em (19).

- (20) a. *Que o João_i faça isso é comum para ela_j*
 b. *Que o João_i faça isso é comum, na opinião dela_j*

Trata-se, em vez disso, de um circunstancial de **opinião** equivalente a um complemento *na opinião de N* (20b). Em tais casos, consideramos que *para N* não constitui um complemento de eco.

Os complementos de eco *para* N^0 já haviam sido observados, sem que se lhes tivesse sido dada essa designação, por [Casteleiro 1981, p. 297], que os considerou relacionados à operação de *elevação de objeto*. É fato que as frases com complemento de eco podem sofrer elevação de objeto. Partindo-se de uma frase como (19b), que renumeramos abaixo como (21a), e na presença do complemento de eco, tem-se, em primeiro lugar, a redução da completiva-sujeito a oração infinitiva (21b), seguida da redução a zero de *João*, a redução do sujeito da oração infinitiva (21c) na presença do complemento de eco (*para ele*); e, finalmente, a operação elevação de objeto *isso* (21d), para sujeito da construção adjetival (*comum*), mantendo-se, naturalmente, o verbo da completiva (*de fazer*) como complemento desse adjetivo:

- (21) a. *Que o João faça isso é comum para ele*
 b. *O João fazer isso é comum para ele*
 c. *Fazer isso é comum para ele*
 d. *Isso é comum de fazer para ele*

Ora, a operação de elevação do objeto não é necessária para a caracterização do complemento de eco *para* N , uma vez que ele existe nas estruturas sem elevação, como já demonstrado em (19). Em vez disso, ele deve ser caracterizado como um complemento de eco da oração com completiva-sujeito.

Por fim, apesar de tanto *da parte de* N^0 quanto *para* N^0 trazerem uma repetição do sujeito da completiva-sujeito, esses complementos se aplicam a adjetivos distintos, de modo que não podem ser considerados variantes:

- (22) a. *Que o João_i faça isso é impossível (?? da parte dele_i + para ele_i)*
 b. *Que o João_i faça isso é cruel (da parte dele_i + * para ele_i)*

5. Conclusão

Com este artigo, apresentamos e descrevemos certos complementos de adjetivo – complementos de eco – que são correferentes a argumentos de suas completivas-sujeito. Propomos que esses complementos possam ser analisados como transformações incrementais sobre uma frase de base com completiva-sujeito e sem complemento, uma vez que as frases assim ligadas carregam a mesma informação fundamental. Em seguida, apresentamos as propriedades formais desses três tipos de complementos de eco do português brasileiro: *da parte de* N , *para com* N e *para* N . Em estudos subsequentes, pretendemos apresentar uma caracterização extensional dos adjetivos que aceitam tais complementos de eco, listando-os segundo suas propriedades, e propor uma classificação baseada nessas e em outras propriedades formais.

Agradecimentos

Ryan Saldanha Martinez: Este estudo foi financiado em parte pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Jorge Baptista desenvolveu sua pesquisa no Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Investigação e Desenvolvimento em Lisboa, INESC-ID Lisboa – Human Language Technology Laboratory (INESC-ID Lisboa/HLT) e foi parcialmente financiado pelos fundos nacionais por meio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), projeto UIDB/50021/2020 (DOI:10.54499/UIDB/50021/2020). Oto Araújo Vale e Ryan Saldanha Martinez: Parte deste trabalho foi realizado no âmbito do Centro de Inteligência Artificial da USP (C4AI -<http://c4ai.inova.usp.br/>), que tem o apoio da IBM e da FAPESP (processo 2019/07665-4). Este projeto também foi apoiado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, que tem recursos da Lei nº 8.248, de 23 de outubro de 1991, no âmbito do PPI-Softex, coordenado pela Softex e publicado como Residência em TIC 13, DOU 01245.010222/2022-44.

References

- Baptista, J. (2005). *Sintaxe dos predicados nominais com ser de*. Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa.
- Baptista, J. and Mamede, N. (2013). Reciprocal Echo Complements in Portuguese: Linguistic Description in view of Rule-based Parsing. In Baptista, J. and Monteleone, M., editors, *Proceedings of the 32nd International Conference on Lexis and Grammar (CLG'2013)*, pages 33–40, Faro, Portugal. CLG'2103, Universidade do Algarve – FCHS.
- Baptista, J. M. E. and Mamede, N. (2020). *Dicionário gramatical de verbos do português*. Universidade do Algarve Editora, Faro.
- Casteleiro, J. M. (1981). *Sintaxe transformacional do adjetivo: regência das construções completivas*. INIC, Lisboa.
- Guillet, A. and Leclère, C. (1981). Restructuration du groupe nominal. *Langages*, 63:99–125.
- Harris, Z. (1976). *Notes du cours de syntaxe*. Éditions du Seuil, Paris.
- Harris, Z. S. (1970). *The elementary transformations*, pages 482–532. Springer.
- Harris, Z. S. (1982). *A Grammar of English on Mathematical Principles*. John Wiley and Sons, Inc., New York.
- Harris, Z. S. (1991). *Theory of Language and Information. A Mathematical Approach*. Clarendon Press, Oxford.
- Meydan, M. (1995). *Transformations des constructions verbales et adjectivales: élaboration du lexique-grammaire des adjectifs déverbaux*. PhD thesis, Paris 7.
- Picabia, L. (1978). *Les constructions adjectivales en français: systématique transformationnelle*, volume 11. Librairie Droz.
- Ranchhod, E. (1985). A romance construction with constrained coreference. *Linguisticae Investigationes*, 9(2):343–363.

- Vivès, R. (1982). Une analyse possible de certains compléments prépositionnels. *Linguisticae Investigationes*, 6(1):227–233.
- Wagner Filho, J. A., Wilkens, R., Idiart, M., and Villavicencio, A. (2018). The brWaC corpus: a new open resource for Brazilian Portuguese. In *Proceedings of the 11th International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC 2018)*.